

**A ESTRATÉGIA DISCURSIVA  
NA CONSTRUÇÃO DA TEMÁTICA  
DA IMPERMANÊNCIA DA VIDA NA ODE 3  
DO LIVRO II DE HORÁCIO:  
A EQUALIZAÇÃO DOS HOMENS PELA MORTE**

*Marco Antonio Abrantes de Barros Godoi (UERJ)*  
[ma.godoi@uol.com.br](mailto:ma.godoi@uol.com.br)

**RESUMO**

Horácio é o poeta que, em boa parte de sua obra poética, trata da polarização de extremos para abordar a questão da boa medida do meio termo (a *aurea mediocritas*). Sua estratégia discursiva nos oferece dentro da tematização da doutrina da áurea medida, uma riqueza de jogos retóricos a *varius figuris* (consoante Quintiliano), seguindo a sua proposta poética de *delectare et docere*, também implicando no elo *ut pictura poesis*. A partir da semiótica de linha francesa analisaremos a estratégia de construção do discurso de Horácio a seu amigo Délio; os procedimentos mobilizados pelo poeta para figurativizar seu enunciado com a finalidade de persuadir o amigo em sua doutrina temática da aurea medida.

**Palavras-chave:** Horácio. Morte. Vida. Prazer. Discurso.

**1. Considerações gerais sobre o fazer poético de Horácio**

Antes de entrarmos na análise dos diversos níveis semióticos da poesia de Horácio, pretendemos fazer uma elaborada análise, a partir de sua *Ars Poetica*, e do que é visto como o modelo e estilo horaciano do fazer poético.

Horácio é o poeta que possui um forte apreço pela elegância e naturalidade de suas expressões poéticas, visando a harmonia das partes e uma linguagem que caminha em sua *aurea mediocritas*, ponderando-se em um estilo médio de linguagem. Busca o equilíbrio da frase e de seus versos, escolhendo um léxico natural, isto é, adequado à verossimilhança

do conteúdo dos seus versos. Sua meticulosidade na confecção de cada elemento de seus versos é o seu caminho para o equilíbrio entre os diversos níveis da poesia e também a sua forma de garantir o efeito da combinação das figuras dos jogos com os tons e as imagens. Conforme seu pensamento, o seu fazer poético é uma combinação de talento (*ingenium*) e perícia técnica (*ars*). Sua organicidade na construção dos versos buscam estabelecer e consolidar a unidade para alcançar justamente o equilíbrio almejado em seu fazer, estabelecendo uma unidade temática (isotopia). A combinação entre a linguagem e imagem é a forma de Horácio construir uma excepcional capacidade de sugestão ao leitor.

Outra característica importante na obra de Horácio é a questão de sua dramatização, isto é, a sua obra visa um interlocutor, seja ele denominado ou não; o poeta busca captar o seu interlocutor em busca de capacitá-lo para um saber (assim podemos dizer que sua poesia é gnômica), estabelecendo uma forma alocutória, uma mediação entre o eu poético e um tu e um vós. Sua voz persuasiva se faz dentro da doutrina epicurista, e da asserção da justa medida mais a áurea medida; convoca ao elocutor a buscar a consciência dos próprios limites e a aquisição de uma serenidade estável.

Para atingir o elocutor o poeta busca um tema de interesse universal, propondo a leitura e a compreensão da condição humana; ele se comunica por uma sensibilidade que é enriquecida pela própria experiência do eu poético e pela filosofia, particularmente o epicurismo. Sua profunda cultura literária serve também como estratégia de fortalecer este elo com o narratário. Sua maior doutrina enunciada é a *aurea mediocritas*, isto é: o equilíbrio entre o luxo e a miséria; a busca da felicidade pelos prazeres medianos; a não aspiração de grandes metas para não sofrer grandes desilusões; a aceitação do destino e o *carpe diem* (aproveitamento do momento, pois o tempo é passageiro e a vida humana é frágil). Tudo isto é permeado por um medo básico: a morte. Assim encontramos um elo entre a poesia e a sabedoria, especificamente a epicurista, e o fazer poético.

## 2. *Análise dos níveis semióticos*

Visto o processo criativo de Horácio, agora abordaremos um caso específico desta construção discursiva e artista na poesia de número três do livro segundo das Odes:

A poesia

<p>II, 3</p> <p>Aequam memento rebus in arduis seruare mentem, non secus in bonis ab insolenti temperatam laetitia, moriture Delli, Seu maestus omni tempore uixeris seu te in remoto gramine per dies festos reclinatam bearis interiore nota Falerni. Quo pinus ingens albaque populus umbram hospitalem consociare amant ramis? Quid obliquo laborat lympha fugax trepidare riuo? Huc uina et unguenta et nimiumbreuis flores amoena ferre iube rosae, dum res et aetas et Sororum fila trium patiuntur atra. Cedes coemptis saltibus et domo uillaque, flauus quam Tiberis lauit, cedes, et exstructis in altum diuitiis potietur heres. Divesne prisco natus ab Inacho nil interest an pauper et infima de gente sub diuo moreris, uictima nil miserantis Orci; omnes eodem cogimur, omnium uersatur urna serius ocuis sors exitura et nos in aeternum exilium impositura cumbae.</p>	<p>Tradução (Ariovaldo Augusto Peterlini)</p> <p>Lembra-te de manter, ó morituro Délio, na amarga desventura, o ânimo sereno, bem como de afastá-lo, nas horas favoráveis de excessos de alegria, quer venhas a viver só tristezas na vida, quer, em dias de festa, na relva deitado, possas beber tranquilo a tua felicidade num ótimo Falerno. Para que o altivo pinho e o branco choupo gostam de a sombra hospitaleira entrelaçar dos ramos? Por que fugaz se esforça a linfa em ir fluindo, nas curvas de um regato? Manda levar ali os vinhos e os perfumes e da roseira amena as flores tão efêmeras, enquanto o permitir dinheiro, idade e, infaustos, os fios das três Irmãs. Tu deixarás, ó Délio, os bosques que compraste, e a casa e a quinta, que o dourado Tibre banha, deixarás; e a riqueza aos montes cumulada, teu herdeiro a terá. Se és rico e descendente te crês do prisco Ínaco, ou se és pobre e ralé e a céu aberto moras, nada importa, uma vez que és vítima votada ao Orco impiedoso. Para o mesmo lugar somos todos tangidos e a sorte, que mais cedo ou mais tarde há de vir, e há de na barca pôr-nos para o eterno exílio, já na urna se agita.</p>
--	--

### 2.1. Nível fundamental

No nível fundamental temos, neste caso a oposição entre vida e morte, ou, de forma mais específica da existência e inexistência. Esta categoria de oposição mantém uma relação de contrariedade e ao mesmo tempo uma pressuposição recíproca; os termos contrários nos leva a uma operação de negação de cada um criando as categorias de contraditórios não-morte equivale a vida, não-vida equivale a morte, ou não-existência equivale a inexistência, e não-inexistência equivale a existência. No processo de construção do seu discurso, Horácio, nesta poesia opera a sintaxe da negação e da asserção, isto é: a existência é um fato consumado entre ele e seu locutor Délio, mas a possibilidade de a existência chegar a

uma não-existência é certa com o tempo, que neste caso é a inexistência (ou morte).

Por fim é importante ressaltar aqui que cada elemento da categoria semântica de base desta poesia recebe uma qualificação semântica de euforia, no caso a vida, e de disforia, no caso a morte. A vida recebe, por parte do poeta um valor positivo e a morte representa justamente a perda deste valor.

## 2.2. Nível narrativo

### 2.2.1. A sintaxe e a semântica narrativa

Na sintaxe narrativa desta poesia temos como preponderância o enunciado de estado, cujos sujeitos eu poético e Délio se encontram em conjugação com o estado da existência. Já o enunciado de fazer se faz presente em alguns momentos para caracterizar a vida, como nos versos 5 a 8:

seu maestus omni tempore uixeris  
 seu te in remoto gramine per dies  
 festos reclinatum bearis  
 interiore nota Falerni

e nos versos 13 a 16:

Huc uina et unguenta et nimium breuis  
 flores amoenae ferre iube rosae,  
 dum res et aetas et Sororum  
 fila trium patiuntur atra.

Podemos analisar que o enunciado de fazer só é possível na existência e não na Inexistência, ele serve, como veremos adiante, como forma de persuasão do receptor do discurso.

O programa narrativo desta poesia apresenta uma complexidade simples, pelo fato de termos uma preponderância do enunciado de estado e, este conter o enunciado de fazer interiorizado a ele, pois a existência implica justamente no poder de transformação de relação do sujeito com seu objeto de valor a vida conjuntamente com suas benesses e prejuízos, (*dies festos*, *Falerni* por exemplo). Neste caso o sujeito de fazer é implicado no sujeito de estado, a existência (vida) permite o homem tornar-se elemento de transformação, enquanto que o sujeito de estado na contração da vida, não-vida, encerra esta capacidade.

Há uma proposta nesta poesia de investir nos valores modais do poder, isto é, na existência o homem pode se transformar no sujeito do fazer, ao buscar os prazeres que a vida proporciona, e no valor modal do saber, isto é, ter consciência da questão do tempo: *omnes eodem cogimur, omnium/versatur urna serius ocius* (vv. 25-26)

A relação entre os actantes narrativos é separada justamente pela interlocução do eu poético, que é detentor do valor modal do saber (daí um tipo de literatura sapiensal) que revela e se dirige ao interlocutor Délio, que é o actante detentor do valor modal do poder, vejamos a presença do vocativo duas vezes Delli no verso 4, este caso marca o chamamento, desdobra em sua sintaxe a presença de um interlocutor, estabelecendo um diálogo.

A partir deste desdobramento dos actantes podemos identificar que o percurso narrativo constituído pelo eu poético é transferir um saber, ter consciência de uma sabedoria de vida que torne Délio um homem que saiba viver os prazeres da vida com ânimo temperado: *Aequam memento rebus in arduis/seruare mentem...* (vv. 1-2). Saber também da questão do destino último para todos os seres: *Diuesne priscos natus ab Inacho/nil interest an pauper et infima/de gente sub diuo moreris,* (vv. 21-23).

Horácio se torna um destinador-manipulador de Délio por meio deste saber; o que o poeta propõe é a construção de um destinatário-manipulado (Délio) de um valor modal do saber fazer, quando ele sugere que o sujeito manipulado: *Huc uina et unguenta et nimium breuis/flores amoenae ferre iube rosae* (vv. 13-14). Isto tudo se trata da modalização do fazer.

A modalização do ser tem a ver, neste caso com a questão do tempo da existência, no caso o poeta ao preparar o seu interlocutor para a questão do fazer em vida, ressalta a questão do tempo que está em um patamar fora do controle dos actantes, pois, ele é controlado por uma força maior, *...Sororum/ fila trium* (vv. 14-15) alusão às três parcas que controlam o destino e o tempo da existência do homem. O ser é momentâneo e a sua capacidade de ação é dada em vida não na morte.

Na modalização do ser temos uma relação em que o saber veridictório é do poeta que se dirige ao seu interlocutor para fazê-lo saber a verdade através do seu conhecimento desta realidade última que é a morte.

2.2.2. *O nível discursivo*

No nível discursivo temos a manifestação do sujeito na enunciação, seu desdobramento no tempo e espaço, este faz suas escolhas de pessoa, espaço e tempo, e a partir destes estabelece um tema e emprega o recurso de figurativização do discurso proposto.

Nesta poesia de Horácio temos, através do emprego do vocativo Delli (v. 4) e dos verbos *memento* (v. 1), *uixeris* (v. 5), *iube* (v. 14), *cedes* (vv. 17 e 19), *moreris* (v. 23) nos mostra que o narrador estabelece um diálogo com seu interlocutor, há portanto um desdobramento entre um locutor e seu interlocutor; o enunciador é o narrador do discurso e interlocutor. Através destes tempos verbais e do vocativo temos a construção de uma relação argumentativa entre o narrador e o narratário da poesia. O eu poético aqui tenta manipular seu interlocutor a crer ou a fazer algo, neste caso é o aproveitar o dia (*carpe diem*) visto que a vida deixará de ser em algum futuro, *moriture* (vv. 4) estabelece a questão do tempo e a condição do futuro não-existente.

O tempo manifestado nesta ode de Horácio é o tempo presente (o tempo do faz ser que pode fazer), e o tempo futuro (o tempo do não-ser que não-pode-fazer). No tempo presente temos os imperativos *memento* e *iube*, que dão ordem, representando o aspecto do desdobramento dos locutores do discurso e caracterizando o aspecto gnômico da poesia horaciana, ao colocar-se como o sujeito do saber que quer persuadir o seu interlocutor da questão do tempo e do fazer. No tempo futuro temos justamente a colocação da condição do ser como não ser, em *moriture*, que está no vocativo qualificando justamente o processo futuro da inexistência do interlocutor do poeta, temos o emprego do participio futuro, forma nominal que, aqui, emprega-se com a ideia de finalidade. Os outros futuros *uixeris* e *cedes*, podemos interpretá-los como processo gnômico do fato consumado após o tempo presente.

Quanto ao espaço, o poeta trabalha-o, justamente no espaço da existência e da não existência, coordenando-o justamente com a questão do tempo do aqui-agora, e do tempo do lá. O espaço do aqui-agora é cercado pelos prazeres e pela paisagem natural: *Huc uina et unguenta et nimium brevis/flores amoenae ferre iube rosae* (vv. 13-14). O espaço do lá é marcado pela constatação do fato da morte: *uictima nil miserantis Orci* (v. 24) e *sors exitura et nos in aeternum / exilium impositura cum-bae*. (vv. 27-28).

Os valores propostos por Horácio nesta poesia são disseminados pelo percurso temático e investidos de figuras, a partir do percurso temático e figurativo o autor constrói o seu discurso de convencimento pela coerência e estabelece o efeito de sentido na realidade discursiva.

Especificamente na poesia Horaciana há uma estratégia de miscigenação do tema com as figuras, então há uma complexidade em que o percurso temático se faz vivificado pelas figuras. O tema da existência é assolado pela perspectiva da morte eminente ele se faz constituído de figuras da riqueza e da natureza como nos versos 6 a 8: *seu te in remoto gramine per dies/ festos reclinatum bearis/ interiore* nota Falerni, e dos versos 13 e 14 *Huc uina et unguenta et nimium breuis/ flores amoenae ferre iube rosae*. O tema da morte é preenchido pelas figuras das Parcas: *dum res et aetas et Sororum/ fila trium patiuntur arta* (vv. 15-16) justamente contrapondo com o que foi dito nos versos anteriores, e a figura do Orco (v. 24), espaço do mundo dos mortos.

Dentro do próprio percurso temático há um tema da equalização da morte de todo ser vivo nas últimas estrofes da Ode, não importa a riqueza ou a pobreza, os ancestrais (vv. 21-23) e a conclusão fatal se faz na última estrofe da poesia: em que a figura do *aeternum exilium* denota o destino da morte como o exílio da vida.

É importante destacar aqui que certas figuras como as Parcas e o Orco representam um aspecto da crença de divindades e locais do destino humano, são figuras que representariam o crer de uma cultura que produz um efeito de sentido real no texto de Horácio.

### 3. *Considerações finais*

Visto o percurso gerativo do sentido na construção da poesia de Horácio, percebemos sua estratégia nesta poesia de forma mais particular o seu processo criativo, e assim localmente identificamos os elementos e formas que caracterizaram, no geral a sua obra, como a tendência de construir figuras que destacam e vivificam o percurso temático (*ut pictura poiesis*); a relação dialógica com um interlocutor; a questão da *aurea mediocritas* é embutida na ideologia na construção do discurso da conscientização do fim eminente, a partir deste saber, o poeta propõe que Délio tenha a mente preparada para as alegrias e tristezas da vida, e que viva cada momento da vida com mente equilibrada. Então a sua poesia mostra um caminho gnômico, isto é uma função da arte para Horácio, *o docere*,

*o delectare* se faz presente na construção estética, nos recursos imagéticos e performativos da estrutura poética como na elaboração dos léxicos e combinações destes para construir a sua obra.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BARROS, Diana Luz Pessoa. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1999.

CLIMENT, Mariano Bassols de. *Sintaxis latina*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992.

FARIA, Ernesto. *Gramática da língua latina*. Brasília: FAE, 1995.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2000.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2011.

HARRISON, Stephen. *A Companion to Latin Literature*. Oxford: Blackwell, 2005.

HORÁCIO. *A arte poética*. Trad.: Dante Tringali. São Paulo: Musa, 1993.

NOVAK, Maria da Glória; NERI, Maria Luiza. *Poesia lírica latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.